

DESFRALDE NA CRECHE: COMO ESCOLA E FAMÍLIA PODEM TRABALHAR JUNTAS

POTTY TRAINING AT DAYCARE: HOW SCHOOL AND FAMILY CAN WORK TOGETHER



FABIANA FURTADO BRICHUCKA

Graduação em Pedagogia Licenciatura plena pela Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Guarulhos (1997); Pós-Graduação em Psicopedagogia pela Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (2016); Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo.

RESUMO

O desfralde é uma etapa fundamental do desenvolvimento infantil, marcada pela conquista da autonomia e do autocuidado. No entanto, trata-se de um processo que envolve aspectos fisiológicos, emocionais, sociais e pedagógicos, exigindo paciência e apoio dos adultos. Este artigo tem como objetivo discutir o desfralde no contexto da creche, destacando a importância da parceria entre escola e família para o sucesso dessa transição. A pesquisa baseou-se em referenciais teóricos da psicologia e da educação, abordando o papel dos educadores, dos responsáveis e a relevância da comunicação entre ambos. Evidenciou-se que a coerência das práticas, a criação de rotinas consistentes, o uso de metodologias lúdicas e o acolhimento afetivo são estratégias eficazes para tornar o processo mais tranquilo. Conclui-se que o desfralde deve ser entendido como uma experiência educativa compartilhada, em que escola e família, ao trabalharem juntas, contribuem para que a criança vivencie essa conquista com segurança, confiança e respeito ao seu tempo individual.

Palavras-chave: Desfralde. Educação infantil. Família. Escola. Autonomia.

ABSTRACT

Potty training is a fundamental stage in child development, marked by the achievement of autonomy and self-care. However, it is a process that involves physiological, emotional, social, and pedagogical aspects, requiring patience and support from adults. This article aims to discuss potty training in the daycare context, highlighting the importance of the partnership between school and family for the success of this transition. The research was based on theoretical frameworks from psychology and education, addressing the role of educators and guardians, and the importance of communication between them. It was evident that consistent practices, the creation of consistent routines, the use of playful methodologies, and affectionate support are effective strategies for making the process smoother. It is concluded that potty training should be understood as a shared educational experience, in which school and family, by working together, contribute to the child experiencing this achievement with safety, confidence, and respect for their individual time.

Keywords: Potty training. Early childhood education. Family. School. Autonomy.

INTRODUÇÃO

O processo de desfralde é um marco fundamental no desenvolvimento da criança, pois está relacionado à conquista da autonomia, da independência e do autocuidado. Esse momento, no entanto, vai muito além da retirada das fraldas, envolvendo aspectos emocionais, cognitivos, fisiológicos e sociais que exigem um acompanhamento atento e respeitoso por parte dos adultos que cercam a criança. De acordo com Bee (2003), o controle esfíncteriano é uma das conquistas mais significativas da infância, sendo considerado um passo importante no processo de socialização e de afirmação da identidade infantil.

No contexto da educação infantil, o desfralde ganha relevância especial, uma vez que muitas crianças vivenciam esse processo durante o período em que frequentam a creche. Isso demanda um planejamento pedagógico que considere as singularidades de cada criança, bem como o estabelecimento de rotinas que favoreçam a observação, a paciência e o incentivo positivo. Como afirma Oliveira (2010), a creche, enquanto espaço educativo, deve garantir práticas que respeitem o tempo da criança, promovendo um ambiente seguro e acolhedor para a aquisição de novas habilidades.

Entretanto, o sucesso do desfralde não depende apenas da atuação da escola. A participação da família é indispensável, já que a criança necessita de uma continuidade entre as práticas vivenciadas na creche e aquelas realizadas em casa. Quando há contradições entre os dois ambientes, o processo pode ser difícil e gerar insegurança. Nesse sentido, a comunicação e a cooperação entre educadores e responsáveis tornam-se elementos centrais. Segundo Parolin (2012),

a parceria entre família e escola é essencial para que a criança perceba consistência nas orientações recebidas, sentindo-se mais confiante e preparada para enfrentar os desafios.

Assim, este artigo tem como objetivo discutir o desfralde na creche, analisando como escola e família podem atuar em conjunto para tornar essa experiência mais tranquila, saudável e enriquecedora para a criança. Para tanto, serão apresentados os fundamentos teóricos do processo de controle esfíncteriano, o papel de cada agente envolvido, os desafios encontrados e as estratégias que favorecem uma condução harmoniosa e eficaz dessa etapa do desenvolvimento infantil.

O PROCESSO DE DESFRALDE NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O desfralde é uma das etapas mais significativas do desenvolvimento infantil, pois envolve não apenas mudanças fisiológicas, mas também aspectos emocionais, cognitivos e sociais. Trata-se de um momento de transição que marca a conquista da autonomia e a ampliação da independência da criança.

Do ponto de vista biológico, o controle esfíncteriano ocorre a partir da maturação neurológica, geralmente entre 18 e 36 meses de idade, ainda que cada criança possua seu próprio ritmo. De acordo com Bee (2003), o desenvolvimento do controle dos esfíncteres depende tanto de fatores fisiológicos quanto da estimulação ambiental e do apoio afetivo dos cuidadores.

Como afirma Winnicott (1983): “O treinamento esfíncteriano é parte do processo de amadurecimento e deve ser conduzido com respeito ao tempo da criança, evitando pressões que possam gerar sentimentos de fracasso ou ansiedade.”

Esse entendimento reforça que o desfralde não deve ser visto como uma obrigação imposta, mas como um processo que precisa respeitar a individualidade. Pressionar a criança pode resultar em regressões, birras ou mesmo dificuldades emocionais relacionadas ao uso do banheiro.

Além disso, a forma como a criança vivencia esse momento está diretamente ligada às experiências de cuidado e afeto. Segundo Oliveira (2010), quando a criança é incentivada de forma positiva, compreendendo que o uso do vaso ou penico é uma conquista, ela tende a se engajar mais facilmente e a desenvolver autoconfiança.

“O processo de retirada das fraldas deve ser acompanhado de estímulos que reforcem a autonomia, como a possibilidade de escolher o penico, lavar as mãos sozinha ou receber elogios a cada conquista” (OLIVEIRA, 2010, p. 74).

Outro aspecto importante é compreender que o desfralde não ocorre de forma linear. É comum que haja avanços e retrocessos, especialmente em situações de mudanças na rotina, como

o ingresso na creche, o nascimento de um irmão ou outras transformações no ambiente familiar. Nesses casos, a paciência e a continuidade das estratégias são essenciais.

Dessa forma, entende-se que o desfralde na primeira infância deve ser tratado como um processo natural, gradual e que demanda cooperação entre escola e família. O apoio afetivo, o respeito ao tempo individual e a adoção de práticas consistentes entre os dois ambientes são fatores determinantes para o sucesso dessa etapa do desenvolvimento.

O PAPEL DA ESCOLA NO APOIO AO DESFRALDE

A creche desempenha um papel fundamental no processo de desfralde, pois, muitas crianças vivenciam essa etapa durante o período em que já frequentam o ambiente escolar. A rotina da instituição de educação infantil pode contribuir de maneira significativa para que o processo aconteça de forma natural e respeitosa, desde que seja planejado e conduzido com paciência e sensibilidade por parte dos educadores.

De acordo com Kramer (2007), a escola não deve assumir o desfralde como uma simples tarefa higiênica, mas como um momento educativo que favorece a autonomia, a autoestima e a socialização da criança. Isso implica compreender que cada criança tem um tempo próprio para desenvolver essa habilidade e que o respeito às diferenças individuais é essencial.

“A educação infantil, ao considerar o desfralde como parte do processo de desenvolvimento, deve criar condições para que a criança experimente a autonomia, sem pressões e sem comparações com seus pares” (KRAMER, 2007, p. 112).

Um dos principais papéis da escola é oferecer uma rotina estruturada que permita à criança identificar os momentos destinados ao uso do banheiro, sem, contudo, engessá-la em horários rígidos. Segundo Oliveira (2010), a observação atenta por parte dos professores é indispensável, uma vez que possibilita reconhecer sinais de prontidão, como a criança pedir para tirar a fralda, demonstrar incômodo ao usá-la ou avisar quando sente vontade.

Outro aspecto relevante é a forma como os educadores lidam com os acidentes comuns durante o processo. É fundamental que tais situações não sejam vistas como fracassos, mas como parte natural do aprendizado. Nesse sentido, Chaves (2015) afirma que: “A reação dos adultos diante dos incidentes influencia diretamente na maneira como a criança se percebe nesse momento. Acolher com paciência e encorajar com carinho são atitudes que fortalecem sua confiança.”

Além disso, a creche deve organizar o espaço físico de modo a favorecer a autonomia da criança, oferecendo banheiros adaptados, peniquinhos, escadas ou redutores de assento, além de

materiais de higiene acessíveis. Essas condições contribuem para que a criança desenvolva a capacidade de autocuidado e se sinta segura no ambiente escolar.

Outro ponto crucial é a atuação dos profissionais como mediadores entre família e escola. Muitas vezes, cabe ao professor orientar os pais sobre a importância da consistência nas práticas adotadas em casa e na creche, evitando contradições que possam confundir a criança. Assim, a escola se coloca como parceira, fornecendo suporte e informação, mas sempre respeitando os valores familiares.

Portanto, o papel da escola no desfralde ultrapassa a dimensão técnica: trata-se de uma prática educativa, que integra cuidado, ensino e afeto. Ao respeitar o tempo de cada criança, oferecer um ambiente preparado e manter diálogo aberto com a família, a creche se torna um espaço privilegiado para apoiar essa conquista tão significativa do desenvolvimento infantil.

O PAPEL DA FAMÍLIA NO DESFRALDE

A família desempenha um papel indispensável no processo de desfralde, pois é no ambiente doméstico que a criança vivencia grande parte de suas experiências afetivas e rotineiras. O modo como os responsáveis conduzem essa etapa influencia diretamente a segurança, a confiança e a autonomia infantil.

Segundo Papalia e Feldman (2013), o início do desfralde não deve ser determinado por pressões externas, mas pelo reconhecimento de sinais de prontidão da própria criança, que incluem a capacidade de comunicar suas necessidades, manter a fralda seca por um período maior e demonstrar interesse em usar o vaso ou penico.

“Os pais, ao respeitarem o tempo e as conquistas da criança, possibilitam que o desfralde se torne um momento natural, livre de tensões e marcado por aprendizagens positivas” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 186).

A família precisa compreender que essa etapa não é linear e que regressões são comuns, especialmente diante de mudanças na rotina, como a entrada na escola ou a chegada de um novo irmão. Nesses momentos, a paciência e a sensibilidade dos responsáveis são fundamentais para evitar cobranças excessivas.

Oliveira (2010) destaca que o acolhimento e os reforços positivos são elementos-chave nesse processo:

“A criança que recebe incentivo, elogios e compreensão dos familiares tende a enfrentar com mais tranquilidade os desafios do desfralde, construindo uma imagem positiva de si mesma” (OLIVEIRA, 2010, p. 79).

Outro ponto essencial é a consistência entre as práticas da família e as da escola. Quando os responsáveis reforçam em casa os mesmos hábitos incentivados na creche, a criança sente-se mais segura e confiante. Caso contrário, pode surgir confusão e resistência. Para tanto, é necessário que os pais mantenham diálogo constante com os professores, compartilhando informações sobre avanços e dificuldades.

Além disso, a família pode tornar o processo mais leve e lúdico ao criar estratégias de motivação, como permitir que a criança escolha seu penico, compre calcinhas ou cuecas com personagens de que gosta, ou até mesmo utilizar histórias infantis que abordam o tema. Tais práticas ajudam a transformar o desfralde em um momento de conquista e autonomia, e não em um espaço de tensão.

Assim, percebe-se que o papel da família no desfralde vai além da supervisão. Ele envolve oferecer segurança emocional, respeitar o ritmo individual, estimular a autonomia e, principalmente, alinhar-se às práticas escolares, tornando o processo mais coerente e eficaz.

A COMUNICAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

A comunicação entre escola e família é um dos pilares para o sucesso do processo de desfralde, pois garante a continuidade das práticas educativas e evita contradições que possam confundir a criança. Quando os dois ambientes dialogam e compartilham estratégias, a criança percebe consistência nas orientações e sente-se mais segura para enfrentar essa transição.

De acordo com Parolin (2012), a cooperação entre família e instituição escolar é indispensável, já que ambas compartilham a responsabilidade pelo desenvolvimento infantil. O autor reforça que:

“A criança se desenvolve em uma teia de relações e, para que sua aprendizagem seja significativa, é preciso que haja coerência e diálogo entre os principais agentes de sua educação” (PAROLIN, 2012, p. 91).

A escola, ao manter uma comunicação clara com os pais, pode orientar sobre os sinais de prontidão observados na criança e sugerir práticas a serem adotadas também no ambiente doméstico. Da mesma forma, a família pode informar os educadores sobre como o processo ocorre em casa, possibilitando que ambos alinhem expectativas e intervenções.

Oliveira (2010) ressalta que a escuta ativa é fundamental nesse processo, já que permite reconhecer as ansiedades e dúvidas dos pais, bem como valorizar o saber da experiência familiar. Isso fortalece a parceria e evita que o desfralde se torne um espaço de conflitos.

Outro aspecto importante da comunicação é a forma como os progressos e dificuldades são compartilhados. A troca deve ser feita com sensibilidade, sem julgamentos ou cobranças, mas sempre com foco no bem-estar da criança. Como destaca Chaves (2015): “Quando a comunicação se estabelece de forma acolhedora e respeitosa, a família sente-se parte do processo educativo e se engaja de maneira mais efetiva nas estratégias propostas.”

Além disso, as reuniões pedagógicas, bilhetes, diários de bordo e conversas diárias na entrada e saída da escola são recursos que podem fortalecer esse elo, desde que sejam usados de forma ética e responsável. O mais importante é que a criança não seja exposta ou comparada, mas valorizada em seus avanços individuais.

Portanto, a comunicação entre escola e família é mais do que uma troca de informações: é a construção de uma parceria baseada no respeito, na escuta e na corresponsabilidade. Essa sintonia garante que o desfralde seja conduzido de forma coerente, diminuindo a ansiedade da criança e ampliando suas possibilidades de sucesso.

METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS CONJUNTAS

Para que o processo de desfralde seja bem-sucedido, é fundamental que escola e família adotem metodologias e estratégias conjuntas, garantindo que a criança vivencie práticas consistentes nos dois ambientes. A coerência entre casa e creche contribui para reduzir inseguranças e facilitar a construção da autonomia infantil.

Segundo Bee (2003), a aprendizagem da criança ocorre de forma mais eficaz quando há repetição de experiências em diferentes contextos. Dessa maneira, se o uso do vaso sanitário ou penico é incentivado na creche, deve também ser reforçado no lar, criando um ambiente de continuidade.

“A criança aprende por meio da repetição e da consistência das rotinas, por isso o desfralde deve ser visto como uma prática conjunta entre escola e família” (BEE, 2003, p. 145).

Entre as metodologias mais eficazes está a criação de rotinas previsíveis, em que a criança é levada ao banheiro em horários próximos nos dois ambientes, como após as refeições e antes de dormir ou da soneca. Isso ajuda a estabelecer hábitos e a reconhecer sinais do próprio corpo.

Outro recurso é o uso do lúdico para tornar o processo mais agradável. Histórias infantis, músicas, jogos simbólicos e até personagens favoritos podem ser utilizados para incentivar a ida ao banheiro. Oliveira (2010) afirma que, quando o processo é associado ao brincar, a criança se envolve com mais prazer e motivação.

A valorização das conquistas também é uma estratégia importante. Pequenos progressos, como avisar que está com vontade ou conseguir usar o vaso sozinho, devem ser celebrados com elogios e encorajamento. Segundo Chaves (2015): “O reforço positivo contribui para que a criança se sinta capaz, fortalecendo sua autoconfiança e diminuindo as resistências.”

Além disso, tanto a escola quanto a família devem estar preparadas para lidar com os acidentes de forma tranquila. Frases de apoio como “da próxima vez você vai conseguir” transmitem segurança e evitam que a criança associe o desfralde a sentimentos de fracasso.

Outra prática eficaz é a participação ativa da criança em atividades de autocuidado, como escolher suas roupas íntimas, lavar as mãos após o uso do banheiro e ajudar na organização dos materiais de higiene. Essas atitudes favorecem a autonomia e estimulam o senso de responsabilidade.

Por fim, é essencial que escola e família conversem regularmente sobre os avanços e dificuldades, ajustando estratégias sempre que necessário. Essa corresponsabilidade garante que o processo seja conduzido de maneira harmoniosa, respeitando o tempo individual de cada criança.

ASPECTOS EMOCIONAIS E PSICOLÓGICOS DO DESFRALDE

O desfralde não é apenas um marco fisiológico, mas também um processo profundamente emocional e psicológico para a criança. Essa etapa envolve sentimentos de conquista e independência, mas também pode gerar inseguranças, ansiedades e regressões. Por isso, a forma como os adultos conduzem esse momento tem impacto direto no desenvolvimento emocional infantil.

Segundo Winnicott (1983), a criança precisa sentir-se segura para conquistar o controle esfíncteriano, e essa segurança é construída a partir do vínculo de confiança estabelecido com os cuidadores. Pressões, punições ou comparações com outras crianças podem gerar medos e bloqueios.

“Quando o desfralde é imposto de forma rígida, sem respeitar o tempo da criança, podem surgir angústias que dificultam o amadurecimento emocional e comprometem a autoestima” (WINNICOTT, 1983, p. 67).

Outro ponto importante é compreender que regressões são comuns. Crianças que já haviam conquistado o uso do banheiro podem voltar a apresentar escapes diante de mudanças significativas, como a entrada na escola ou o nascimento de um irmão. Oliveira (2010) destaca que, nesses casos, a paciência e a compreensão dos adultos são essenciais para que a criança retome a confiança sem se sentir envergonhada.

O acolhimento afetivo é, portanto, uma estratégia indispensável. Gestos simples, como abraçar, conversar e encorajar, ajudam a criança a elaborar suas inseguranças. De acordo com

Chaves (2015): “O olhar empático do adulto transmite à criança a certeza de que o erro faz parte do aprendizado e que ela é amada independentemente de seus avanços ou dificuldades.”

Além disso, o desfralde está diretamente relacionado à construção da autonomia psicológica. Quando a criança percebe que consegue realizar sozinha uma tarefa antes dependente do adulto, fortalece sua autoconfiança e sua identidade. Essa conquista simbólica vai além do banheiro, refletindo-se em outras áreas do desenvolvimento, como a linguagem e as interações sociais.

Cabe ainda ressaltar que o apoio emocional deve ser compartilhado entre escola e família. Quando ambos os ambientes tratam os acidentes com naturalidade, valorizam as conquistas e evitam cobranças excessivas, a criança se sente acolhida e fortalecida para superar os desafios.

Assim, os aspectos emocionais e psicológicos do desfralde mostram que essa etapa não pode ser reduzida a uma questão de higiene. Trata-se de um processo de amadurecimento integral, no qual afeto, respeito e segurança são condições fundamentais para que a criança avance de forma saudável e confiante.

DESAFIOS FREQUENTES E POSSÍVEIS SOLUÇÕES

O processo de desfralde, embora natural, apresenta desafios que podem gerar insegurança tanto para a criança quanto para os adultos envolvidos. Reconhecer essas dificuldades e buscar estratégias adequadas é essencial para que a transição ocorra de forma tranquila e positiva.

- **Resistência ao uso do vaso ou penico**

É comum que algumas crianças rejeitem inicialmente o uso do vaso sanitário ou penico, demonstrando medo ou desconforto. Segundo Bee (2003), essa resistência pode estar ligada ao desconhecido ou a experiências negativas anteriores.

“A resistência ao penico ou vaso sanitário deve ser enfrentada com paciência e incentivo lúdico, evitando punições que apenas intensificam a ansiedade da criança” (BEE, 2003, p. 148).

Uma solução eficaz é apresentar o objeto de forma gradual, permitindo que a criança explore, brinque ou escolha um modelo que lhe agrade, associando-o a um ambiente seguro.

- **Diferenças de tempo entre crianças**

Cada criança tem um ritmo próprio, e comparações entre colegas ou irmãos podem gerar sentimentos de inferioridade. Oliveira (2010) destaca que respeitar a individualidade é essencial para evitar pressões que causem bloqueios emocionais. Nesse sentido, os educadores devem reforçar

junto às famílias que o desfralde não deve ser visto como uma corrida, mas como um processo de amadurecimento único.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desfralde é um processo natural, porém complexo, que ultrapassa a dimensão fisiológica e envolve aspectos emocionais, sociais e pedagógicos. Ao longo deste artigo, evidenciou-se que essa etapa é marcada pela construção da autonomia infantil, exigindo sensibilidade, paciência e acolhimento por parte dos adultos responsáveis por sua condução.

A análise permitiu compreender que tanto a creche quanto a família desempenham papéis essenciais e complementares. A escola contribui ao oferecer um ambiente estruturado, seguro e adaptado, além de profissionais capacitados para observar, orientar e incentivar a criança. Já a família garante a continuidade desse processo em casa, transmitindo afeto, segurança e consistência nas práticas.

Ficou evidente, ainda, que a comunicação entre os dois contextos é o fator determinante para o sucesso do desfralde. Quando escola e família compartilham informações, alinham estratégias e respeitam o ritmo individual da criança, o processo torna-se mais coerente e menos conflituoso, favorecendo o desenvolvimento saudável e confiante.

Outro ponto importante refere-se à necessidade de tratar o desfralde como um momento de aprendizado e não de cobrança. Regressões, resistências e acidentes são naturais e devem ser encarados como parte da trajetória, e não como fracassos. O incentivo positivo e o acolhimento afetuoso, tanto no lar quanto na creche, contribuem para que a criança vivencie essa transição de forma tranquila e prazerosa.

Conclui-se, portanto, que o desfralde deve ser visto como uma experiência educativa compartilhada entre escola e família, em que o diálogo, o respeito e a cooperação são indispensáveis. Mais do que retirar a fralda, trata-se de ajudar a criança a conquistar autonomia, autoconfiança e habilidades que repercutirão em outras dimensões de sua vida.

REFERÊNCIAS

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CHAVES, Simone. **Educação infantil: práticas de cuidado e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2015.

KRAMER, Sonia. **A infância e sua singularidade**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PAROLIN, Isabel. **Família e escola: uma relação possível**. Curitiba: Positivo, 2012.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.